

Poiesis: o despertar da escrita

Coletânea de textos

II e III

Saraus Literários

Poiesis

Organizadores:

Carina Fior Postingher Balzan

Paulo Tonezer Júnior

Marina Bonatto Malka

Marina Rosa Cé Luft



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves



poiesis

Coletânea de Textos

II e III Saraus Literários Poiesis

Organizadores

Carina Fior Postingher Balzan

Paulo Tonezer Júnior

Marina Bonatto Malka

Marina Rosa Cé Luft

Projeto gráfico e diagramação

Paulo Tonezer Júnior

Criação do logotipo

Daniel Clos César

Autores

Ana Caroline Cortes Sperança

André Luiz Franco Silva

Claudete Scaratti

Dener Guedes

Henzo Gabriel do Carmo Werner

Iago Spellmeier Zuchi

João Vitor Somacal

Marco Antônio Zanon

Maria Eduarda Alves de Oliveira

Mayara Mattiello

Paulo Tonezer Júnior

Vanessa Machado

Sumário

Poemas

Etérea comédia.....	5
Dell'Amore.....	6
Inquisição.....	7
Estádio de espelho.....	9
Água demais.....	10
Ensaio da desesperança.....	12
Quase um soneto tecnológico.....	13
Efemeridade.....	14
Na hora do mate.....	16
Contato.....	18

Contos

Omukyala.....	20
Roque Atorvalhado.....	25

Crônicas

Apenas palavras.....	30
O maior pintor do mundo.....	32
O baio das noites da minha infância.....	36
Limbo.....	40

Apresentação

As produções literárias que compõem esta publicação foram apresentadas em dois Saraus Literários promovidos pelo projeto Poiesis: o despertar da escrita, no ano de 2025, no Campus Bento Gonçalves do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

O Projeto de Ensino Poiesis: o despertar da escrita tem como objetivo principal fomentar a escrita e a divulgação de textos literários de autoria de estudantes e servidores do Campus Bento Gonçalves, promovendo a Biblioteca Firmino Splendor como um espaço privilegiado para a escuta e a partilha dessa produção.

A partir da realização de oficinas de poesia, conto e crônica, que aprofundaram o conhecimento sobre as características desses gêneros, a comunidade acadêmica foi convidada a produzir textos autorais abordando temáticas variadas.

Os poemas, contos e crônicas aqui apresentados são textos inéditos, produzidos de forma espontânea por estudantes do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico e do Ensino Superior, e atestam a habilidade desses escritores em relação aos recursos estilísticos e literários empregados.

Ao publicizar esses textos, buscamos valorizar o processo criativo desses estudantes e ampliar sua visibilidade para além dos muros institucionais. Esperamos, ainda, que esta publicação sirva de estímulo para que mais pessoas se aventurem no exercício da escrita literária.

Carina Fior Postingher Balzan
Coordenadora do Projeto

Etérea comédia

Henzo Gabriel do Carmo Werner

Tu brotas no jardim da minha alma,
Regando cada canto seco de esperança,
Porém, diante minha pupila,
Tuas pétalas caem com o passar do tempo,
E logo não estarei contigo.

Ó minha etérea flor,
Anjo que resguarda minha alma,
Continuas tão bela como sempre foras,
Bendito seja esse sorriso teu,
Louvado seja aquele que te entregou a mim.

Agradeço por tua presença,
E temo tua ida,
E nesse breve instante de eternidade,
Seria essa a tua missão?
Tentar acender o que resta em mim?

Prometes, minha graça,
Que mesmo quando fores só perfume,
Pairando sobre meu jardim
Permaneças viva em nós.

Dell'Amore

André Luiz Franco Silva

Canhestro sorriso, embruxava-me como xamã
Fragua-me n'ouro negro que se admira.
Areia escaldante d'alvorecer na pele romã,
Em falso lago dos cisnes, clamei por ardor na lira.

Beleza são coisas acesas por dentro,
Ora mãe dos Ibejis abençoe este sentimento.
Comiseração de rosas, baluarte de alabastro,
Ainda que doesse tal epíteto condoimento.

No jazer do astro maior, me perco mais uma vez
Pela maresia vago, desvanecida por um talvez.
Luar, acalentai-me ao âmago do borriço,
Deus-dará, rubra e desadornada como O Cortiço.

Nos olhos de ressaca, um espelho gasto
Um reflexo que cede à própria erosão.
Consequência Dell'Amore, limoncello vasto
Vede sob lamúria o fim da ilusão.

Inquisição

André Luiz Franco Silva

*A Bruxa: “Ó padre, ouvi seus sinos a clamar,
Convocando fiéis ao sacrifício.
Vejo nas chamas do carvão a queimar,
A energia vital, o fogo-delício.*

*Das rosáceas que o sol faz desabrochar,
Restam cinzas e pó, nada mais que ossos.
Mas da labareda que vejo lavrar,
Surge a fênix em voo, reerguendo-os.*

*Pois o fogo que arde em nossos corpos,
É a chama que a vida faz renascer.
Não o extingue com varas e com golpes,
Deixa-o viver, arder, reviver, crescer!*

*Pois o fogo que consome e mata,
É o mesmo fogo que a nós ressuscita.”*

*O Padre: “Ó bruxa, teu saber, tua magia infame,
Desafiam a santa fé que aqui pregoamos.
Teu corpo, tua alma, o carvão as reclame,
Pois nossas chamas purificadoras julgamos.*

*As rosáceas que vês, símbolos da virtude,
Hão de queimar em nossas labaredas.
Não há renascimento, não há juventude,
Senão a cinza e a morte que aqui se herdaram.*

*O fogo que purga, que arde e que consome,
É o mesmo que a heresia deve apagar.
Não há fênix que dessa pira sesome,
Senão o pecado que deve se acabar.”*

*A Bruxa: “Ai, padre, vejo em vossos olhos a cegueira,
Que vos impede de ver a vida a pulsar.
O fogo que ardeis não é força verdadeira,
Mas a chama do medo que vos faz queimar.*

*Pois o carvão que arde em nossos corações,
É a energia que a terra nos concede.
E das rosáceas, não cinzas, mas canções
De vida e de esperança, o mundo ora vede.*

*A labareda que vedes a consumir,
É a chama da vida que jamais se apaga.
Deixai-a arder, crescer, reviver, florir,
Pois é dessa pira que o mundo se alastra.”*

Estádio de espelho

Mayara Mattiello

Ser consciente é um tormento.
Da concepção aos vermes,
o sonho vira lamento.
Memórias são largadas ao vento.

Me olho no espelho:
No reflexo, a inocência.
Na realidade, a carcaça
em minhas mãos estilhaça.

Tudo isso foi em vão?
(Temo que sim)
As feridas jamais fecharão?
(Me liberta daqui)

Em busca da cura,
do tormento em minha mente.
Afundada em amargura.
Somente.

Água demais

Jago Spellmeier Zuchi

Pelos desesperados, desabrigados,
Pelos sofridos parentes
E por seus entes inanimados,
Ainda padece meu coração.

A água daquelas enchentes,
Diferentemente da aprendida na escola,
Não era insípida nem incolor,
Nem inodora.

Custa-me recordar
O eterno fluido provedor da vida
Transformado, a contragosto,
Em fera vil que assassina...

Vales fazendo as vezes de mares
Nos vãos de colinas tornadas ilhas.
Cidades cheias d'água
E vazias de almas.

Canoas, Muçum, São Leopoldo e Eldorado
Por tantas perdas haviam passado
Que tiveram seus nomes gravados
Na memória do Rio Grande do Sul.

Nunca me esquecerei do tempo
Em que as chuvas choravam-se sobre a terra
Por serem elas mesmas
As mães de tamanha tragédia.

Ensaio da desesperança

Jago Spellmeier Zuchi

Há três misérias inerentes à esperança.

A primeira, escancarada, é uma consequência

Necessária do conceito: ela só alimenta

O faminto sob o pomo que não alcança.

A segunda – menos patente e, não obstante,

Mais tirânica – é que a esperança nos impede

De fruir a esmola que o destino oferece.

A quem deseja vinho a água não é o bastante.

A terceira é de todas a que mais aterra:

Se acaso se conquista o prêmio que se espera,

Outro anseio torpe amanhece no horizonte.

Concluo, assim, que a esperança nos escraviza.

Se precisas, espera só que nasça o dia,

Que durmam as pedras e que brotem as flores.

Quase um soneto tecnológico

Dener Guedes

Tocou, vibrou, ligou a tela
Postei: “Bom dia!”, ao despertar
Quis ver o sol, abri a janela
Não me demoro a reiniciar...

Em minha terra não há palmeiras,
Muito menos sabiá
Só tem like, emoji e vírus
E o tédio vive, em paz por lá

O feed rola sem parar
Minha alma velha às vezes trava
Já está em hora de formatar

Aí pergunto a um velho sábio,
Espelho amigo, espelho meu
Existe alguém nesse sistema
Mais bugado do que eu?

Efemeridade

Maria Alvez

Como posso ter a certeza
de que a normalidade vai me assombrar
por longos anos da minha existência?

E mesmo assim,
tento lutar contra a profanidade da vida,
sabendo que sequer há disputa.

Pois sei:
tudo que está no agora
eu já sinto falta.

Como hei de viver,
se sinto que já senti
tudo que deveria sentir?

Tento falar,
mas não consigo expressar
a complexidade das coisas que sinto.

E não existem palavras suficientes no mundo
que façam meus sentimentos soarem menores
ao serem ditos em voz alta

Por mais que eu tente,
nenhuma frase dá conta
da beleza de sentir tanta intensidade.

E talvez eu nunca entenda
a exclusividade do caos.

Pois a carne deseja
o que é contra o espírito.
O espírito,
o que é contra a carne.

E talvez,
a única forma de aliviar o espírito
exija abrir mão da carne.

Não hei de saber se este momento será eterno —
porém se este instante for um fósforo aceso na eternidade
que ao menos sua chama dure até o fim do que sou.

Na Hora do Mate...

Marco Antonio Zanon

Na hora do mate, o mundo para
Velha herança que nos foi legada pelos indígenas
Segue hoje marcando presença no dia a dia
Pra alguns é logo no amanhecer
Pra outros no findar da lida
Já alguns tornam o mate companheiro de todas as horas

Pois foi assim que o povo mateador
Usando da velha infusão gauchesca, como dizia Dom
Jayme
Aprendeu não somente a saborear, mas viver o mate

O encontro se dá na roda de chimarrão
O momento em que apenas o mate é protagonista
Reforça os laços fraternos
Traz confidências à tona
Aquece no frio de inverno
Ah! Esses são momentos que só o mate proporciona
A água da cambona restabelece mais uma rodada
E lá se vão mais infinitos momentos de prosa

O mate une, é ele quem reúne todos naquele momento
Para saborear o tempo na roda de chimarrão
E pode ser galpão campeiro, apartamento urbano
Na hora do mate todos somos hermanos

De padrão e estirpe pampeana é o mate
Mas que riqueza esse costume seria a toda humanidade
A fraternidade cevada se reforça a cada rodada
A nossa bomba, a nossa cuia, a nossa erva
Estilo gaúcho de modelo à toda terra
E eu prefiro a nossa bomba do mate
Do que a que se vê na guerra

O sossego à porta me bate
Prenunciando que é hora do mate.

Contato

Paulo Tanezer Júnior

Sentou-se num assento
seguramente afastado
As lentes...
Havia-as esquecido
Cerrou os olhos...
O retângulo luminoso
O borrão de tinta sobre a tela
fantasmagórica
Aparição de formas
linhas
arestas
fosfenos de círculos
vermelho capital
Traçados num só
enlace
A aprendizagem do toque
no lugar em separado
do espaço unido
A sombra do maestro
O pincel
riscando gritinhos agudos
Laranja silábico
Azul de soletragem

O ritmo verde da fala
Encanto e sedução
Fonologia da fluência
nos contornos da casca de ovo
O totem movediço
em primeiro plano
Poeira e paixão
Decidiu-se...
da próxima vez,
sentaria na primeira fileira
para ver
mais de perto.

Sentou-se corajosamente
no centro
bem à frente
As lentes...
Forçou o olhar
à esclera
da planície pálida
Autopsiou os ponteiros do relógio
Piscou os olhos
em desengano.

O quadro branco apagou.
Pensara quadro negro
naquelas costas tomadas por chagas.

Omukyala

André Luiz Franco Silva

Eram tempos mais simples. Os alaridos das crianças pairavam nos ventos daquela terra fértil e úmida; animais perambulavam por dentro daqueles currais. Os elementos conversavam com a vida. A Água saciara a sede, confortara o Homem; O Fogo alumiará as trevas e transmutará as preces; A Terra frutificará nosso sustento; O Vento? Brisa fresca que dava esperança de um amanhã melhor para a inteira congregação. Outrora, percussões anunciavam a chegada dos nossos protetores. Roupas engomadas e alegóricas se esgueiravam pelas ruas, cores reluziam ante o calor solar; jarros sob a cabeça dançavam com as bacias carregadas acopladas ao colo ou às costelas. Ambos carregavam nossas simbologias. Os búzios voavam mão a mão. A Lira se agitava, inferno na terra. Amores e avarezas em intensa volúpia. Como eram bons esses tempos.

Abruptamente, tudo mudou. No crepúsculo nasceu um novo sol. Prelúdio da praga. Não se via a mesma realidade quando ela chegou. Tudo ficou oco, denso e escuro. As correntes e colarinhos de ouro que enfeitavam as mulheres perderam sua cor. Agora eram de prata — muitas enferrujadas. Os homens encaravam o horizonte com olhos em devaneio por alguma solução.

Benedeiras se questionavam por que suas rezas já não curavam como antes. As crianças, antes sorridentes, fitavam seus próprios ossos e clamavam por suas *iyá* em lamúria.

As coisas se transformaram incessantemente em defluência ao chegar da praga. O povo foi forçado a embarcar para um Novo Mundo, onde nada era certeza. E o medo? Este reinava por dentro do colosso de madeira, tão escuro e inóspito quanto aquele vilarejo o qual a praga corrompera. Foram levados às águas. Em súplica, pediam às ventarolas que levassem a dor embora, e que concedessem ao povo a libertação daquele castigo. A tormenta era cotidiana; a praga continuava a nos assolar, entre grilhões e ratos. Naquele velejo, a promessa de uma nova terra deixou de ser medo; tornou-se ânsia. A praga não martirizava aquelas pobres cascas, pelo contrário, atirava-as ao mar, e corpos caíam... torcendo para que fossem purificados pela Mãe D'Água.

Houve o dia em que finalmente se viu a luz do sol ocidental, porém o sol, em sua alusão, já não representava mais a arte da pureza. O nascer dele, neste novo solo, era carregado de dor e angústia. A aurora queimava nossas peles. A praga? Atravessou ondas e marés conosco, através de cada irmão, naqueles colossos. O trabalho era incessante, quase automático. Acamados, muitos homens já não tinham condições de se esforçar, mas precisavam, por medo de que a praga tomasse seu bem mais precioso: a vida.

Os conhecimentos do nosso povo percorriam boca a boca, tradições e cultos nunca morreram, mesmo com a praga nos marcando dia após dia, mesmo com a praga tomando vossas almas e roubando nossas identidades. Aquelas marcas de sangue e cicatrizes não desapareceram nunca. Eram sinônimos de colunatas — tão bem estruturadas ao povo daquele Novo Mundo — que não os permitia sentir dó. Para eles, éramos vistos como mulambos, e para muitos, ainda somos. Eles carregam a marca da praga em suas cabeças; nós carregamos a marca em nossos corpos.

Alguns possuíram a sorte e a astúcia de esperar o momento oportuno para encontrar o caminho de fuga em nuance à praga, e assim o fiz. Nunca virei as costas ao meu povo, mas a solidude não poderia resolver o problema de uma doença que afetara toda uma cultura, todo um povo.

Como andarilha, compreendi o derribamento da alma. Aceitei ser a descendente dos demônios a qual tanto fui referida por aquelas ruas e vielas. Não tive medo de demonstrar meus conhecimentos, pois a vida havia me feito carranca, bruta e selvagem como sempre me pintaram, e por tais, fui advertida como bruxa. Rememoro meu andar pelas ruas, dos lixos aos cabarés. Fluvial pelas mazelas, abandonei a dignidade, não por desimportância; sobrevivência.

Porém, não poderia evitar os julgamentos por muito tempo.

Fui arrastada pelas ondas da solidão e da rejeição de modo que não pude mais fugir dos estigmas que me cercavam. Não era comum uma mulher como eu no meio deles. Enquanto corpo, poderia até ser usada, mas o que mais poderia ser além disso?

O clero foi notificado. Me arrastei pelas matas, pelos rios, pelos becos escuros de vilarejos os quais nem soubera da existência. As estrelas já não brilhavam como antes no véu noturno. Estava cansada, e já não corri daquele cavalo de ferro. O inquisidor não me fez derramar lágrimas, pois já me haviam secado. Não havia mais nada que pudesse fazer. Nas prisões anteriores à condenação, saboreei o gosto vazio da água, senti a brisa sufocante por uma última vez e, por fim, acariciei o pó daquele espaço.

Com joelhos abraçados ao chão, suplico. Deus! Afaste a praga do meu povo. Já não se pode mais suportar a desgraça glorificada em raízes, rígidas como as de uma figueira. A peste foi condecorada, com clamores e fluviabilidade, adentrou a cancela do lar e foi proclamada: colonização.

Pregada aos enlaces de uma fogueira, aceito meu destino. Ergo meu *ori* e permito sentir a chama divina consumir meu corpo, transformando-o no mesmo pó de onde vim. Não me entristeço, pois sempre fora mais fácil nos entregar às brasas do que nos conceder o que todos sempre quiseram, mas poucos admitem, em nuances de suas culpas: a liberdade de

ser quem se é. Espero que os ancestrais escutem minhas preces e que, ao final deste ardor, possamos sentar juntos e comer um banquete, lembrando da era onde tudo era mais fácil; quando não existia a raça. Que saudades da velha Etiópia.

Roque Atorvalhado

Paulo Tanezer Júnior

Nós corríamos atrás dele. Roque Atorvalhado corria como se estivesse no rastro de algo que só sabia fugir de si. Não seguíamos as pegadas da sombra para impedi-lo de seguir o fluxo do que poderia levar a alguma linha de chegada. Também não tentávamos acompanhar o ritmo a fim de interrogá-lo. Seria ingênuo dizer que tentávamos entendê-lo, como os dantes tentaram explicá-lo. Acharam tentar. Assim como tentariam, os de depois, os diz-que-me-disseram, discorrer sobre os porquês, os poréns, os ismos do Atorvalhado.

O que nós, os cartógrafos das pegadas que ficaram, sabíamos, ou achávamos saber, é que Atorvalhado costumava trabalhar num escritorzinho no centro da cidade. No crachá, quando ainda parecia existir a possibilidade de o intitular, constava uma sequência um tanto estranha de palavras. Quem pensara naquilo? Estávamos como pontos cinza-aveludados imantados por um sol artificial e pelicular. Zanzan zanzan zanzando. Mosqueando. A que fim nos levaria um ser cuja profissão recebera o nome de processador de textos?

O que se pode contar, e isso não é mentira, nem por dessemelhança, é que o Atorvalhado, numa certa manhã bem amanhecida, numa determinada vez bem determinada, arreventou com um soco de fazer santo ajoelhar o teclado que ficava sobre a mesa sob medida que alguém havia nomeado ilha de trabalho. As letras subiram, desceram, formaram alguma coisa de se ler e interpretar no ar, depois descenderam e o momento se perdeu. Mas ele, o Atorvalhado, percebeu que a ilha era uma ilhota, e o arquipélago de ilhas dos arredores, se visto mais bem de cima, também. Atorvalhado jogou uma fragmentadora de papel contra a porta de vidro espelhado do escritório e correu desenganadamente desperto afora com páginas e páginas de ofícios ainda grampeadas às pernas. O corpo todo em disparada, sempre à frente, malemal tocando o chão, como um peixinho de metal num aquário de plástico, fígado por um imã de R\$1,99. Os primeiros passos saltitantes como os de uma mola com ponta de flecha de alta tensão. O corpo todo disformado, escorrendo como um fio de luz que se desatou da fonte e brevemente se apagava até ser religado e ressurgir na forma de impressão de algo, algo em movimento, algo sem fim aparente, queimado aberrantemente nas retinas dos que testemunharam o acontecido, por um abrir e fechar de pálpebras que acreditavam tê-lo capturado, mesmo que por duvidosa fração de instante.

Religado, a mutação insuspeita de Atorvalhado o fazia reaparecer no início da manhã, cruzando o centro recém-desperto, e corria a dar voltas pelas margens da cidade. Não havia trajeto fixo. No começo, era só um sem ter mais o que fazer. Alguns diziam que havia pego muito sol na cabeça. Outros, que conversava com as estrelas e fitava a lua. Fato era que o Atorvalhado gravava uma pegadaria por alhures, algures, acolá, lá longe no alto como se fugisse da injusta vida ou perseguisse a justa morte. E pensar que o apontávamos quando ainda estava lá pra lá, preenchíamos os pulmões com o ar sagrado e terrível da cidade e respondíamos à vista, Vem chegando o Aladin Sano.

A língua chicoteou os dentes. Era questão de tempo até a persistência do hábito surtir seu efeito irreverso. O desassujeitado rompeu com o fio da nossa rotina. A comoção era tanta que alguns tentaram prestar atenção mais de perto, mas até o mais de perto não os satisfazia. Queriam quase que entrar na cabeça dele para classificá-lo. Ansiavam, com base em tudo que já havia sido explicado até então, sobretudo consumir o Atorvalhado pelo de dentro, porém sequer conseguiam manter o passo.

Certa vez, ousaram tentar uma conversação com o Atorvalhado. Maldisseram que as orelhas pareciam conchas herméticas espiralares que se comprimiam mais a cada passo, na tentativa de acessar o molusco que as abrigava e ao qual serviam de abrigo contra o de fora.

No espaço entre uma nova pegada e uma tomada de fôlego redobrada, queriam saber para onde o Atorvalhado corria. Uma mudez petrificada respondia ao comando que lhe era inscrito. Mas de tanta repetição de comando, o Atorvalhado soluçou. O soluço quebrado em pequenas sentenças de soluço, de repente, saltou. Põe em, repetia, põe em, põe em, põe em. Catatônico, diria, depois, posteriormente, quando já haveriam de ter sido publicados um sem número de artigos mui empíricos, o ilustríssimo Dr. Arquimedes de Será e Acusa, Atorvalhado estava em estado catatônico, e tenho dito. Os perguntadistas não o entenderam, e pararam sem ter como descorrer o corrido.

A maioria já havia perdido o fio e desistido da tentativa de impressão que se tinha de compartilhar a experiência daquilo. Cerca de dez corriam ainda com ele. Tentávamos correr com ele. E havíamos consensuado que não deveríamos tentar trapacear o acontecimento que fazia às vezes de história. Era terminantemente vedado fazer uso de artifícios como bicicletas, patinetes ou máquinas motorizadas para tentar acompanhar o percurso atorvalhadesco. O segredo, na verdade, era dormirmos do lado de fora, com os ouvidos ao rés do chão, à espera das pegadas que não tardavam a fazer reverberar a parte baixa do debaixo. Depois de ter sido consumado fenômeno no dito popular, Atorvalhado saiu de si. O que aconteceu foi que, após correr tanto, sem dizer palavra que não fosse “põe em”,

“põe em”, “põe em”, Atorvalhado fez uma curva imprevista no que aparentava ser um sítio de demolição nos limites do mapeado. Já havíamos perdido o fôlego, a saliva, o grão da voz, quando, sem que pudéssemos antecipar, uma voz lá de trás foi forçada estranguladoramente para o de dentro, Ah, é apenas um processador de textos.

O nosso Atorvalhado meteu os pés pelas mãos, as mãos pelos olhos, os olhos foram parar nos cotovelos, os cotovelos se confundiram com os joelhos, os joelhos deram uma joelhada na garganta, a garganta moveu a goela que chupou a boca para dentro como se se virasse do avesso, o que desencadeou a anatomia descorporificada a sucumbir no momento em que tocou o espaço desconhecido do lado de lá do papel que o condicionava. Roque Atorvalhado deu de cara com o parágrafo seguinte e se pôs a quedar feito pedra que sonha ser mais que parte da pedraria.

Apenas palavras

Vanessa Machado

Era para ter sido uma noite como qualquer outra.

A casa estava silenciosa, em um sono profundo. Nada, nem ninguém, seria capaz de atrapalhar. Porém, minha mente ainda vagava pelos acontecimentos de mais um dia caótico na minha rotina de estudos. Eu estava exausta, ansiando por um descanso mental.

Peguei em minhas mãos um livro, desses que estão repousando pacificamente na estante, mas que escondem um universo magnífico dentro de si.

Suas primeiras linhas foram lentas, tímidas, suaves, como se pedissem licença para entrar. E, com um piscar de olhos, eu não estava mais ali. As letras não eram mais letras, haviam deixado de ser isso há muito tempo. Elas tornaram-se imagens, vozes, cheiros, lugares que jamais existiram e, ainda assim, faziam com que eu me sentisse em casa. Senti o cheiro da maresia, o perfume do jardim ao lado, o som de um riso que nunca ouvi, a textura do veludo que nunca toquei... Ocorreu de tudo dentro de mim e, ainda assim, parecia mais real do que o mundo que me cercava.

Por um instante, jurei estar caminhando pelos corredores do palácio. Pisquei, e o encanto se desfez. As imagens se re-

colheram às páginas, e lá estavam elas: apenas palavras impressas em papel. Mas... Teriam mesmo sido apenas palavras?

Fechei o livro com cuidado, como quem se despede de um lugar querido. Havia um nózinho no peito, uma saudade estranha daquilo que nunca vivi, de pessoas que nunca conheci, de lugares que nunca visitei...

E naquela noite silenciosa, percebi que, mesmo sem sair do quarto, eu havia ido longe demais para querer voltar.

Bem, como dizia George R.R. Martin... “Quem lê vive mil vidas antes de morrer. Quem não lê, vive apenas uma.”.

O Maior Pintor do Mundo

Ana Caroline Cortes

Era um dia chuvoso, como muitos outros. Mas esse dia carregava nuvens com formato de algodão doce, que de “doce” nada tinham. A paleta de cores, que antes eclodia em cores de fogo misturadas com o azul das balas de Tutty Frutty da época da infância, deu lugar a cores que partiam do cinza, até o branco acinzentado, chegando até o grafite. A própria transparência das gotas de chuva era tão visível aos olhos; desciam como lágrimas, escorrendo pelas calçadas das ruas. Parecia até poesia. Mas era só a visão de Lia, uma mulher debruçada na janela da sua casa.

Esse dia foi um pouco atípico. Lia pausou. Não estava imersa nos afazeres, coordenados pelo tic tac do relógio, que muitas vezes a impedia de ouvir o pulsar dentro de si mesma. Ela pegou uma xícara de café, colocou uma música e pôs-se a escrever no seu caderno com abelhas na capa. Ali, ela imergiu em pensamentos, reflexões, saudades, choros e sorrisos sinceros e largos, e derramou-se nas entrelinhas daquelas folhas 13x15. Naquele momento, o tempo media-se diferente. Os ponteiros não se resumiam às horas contadas, aos minutos passados, mas a instantes vividos, memórias vivas, imaginação. Ela começou a escrever uma poesia.

O relógio já marcava 16:08h quando derramou a última lágrima sobre o papel úmido. Engraçado, o céu tinha cor, cor cinza. A caneta tinha cor, aliás cores. Era aquela caneta de três cores: azul, vermelho e preto. Com seu coração, que por sinal tinha cor vermelha, completamente derramado, conversou com o Seu Pai, Aquele que fez a cor cinza, a cor vermelha, a cor preta, a tempestade, a chuva...

Em meio aos suspiros, lembrou que já teve dias cor de girassol; outros dias mesclavam a cor das penas de uma arara; e até aqueles que, além das cores, carregavam o cheiro de rosas recém-colhidas. Ah, ela respirou fundo! Quantas cores lindas além do cinza vejo da minha janela. Mas não aquelas de paleta de maquiagem, pensou ela, produzidas artificialmente. As cores de verdade, as cores da beleza natural: o blush rosado na bochecha avermelhada, quando estou com vergonha; a cor dos olhos castanhos da minha mãe, que brilham com admiração ao me ver; as cores do entardecer de domingo; a cor dos jardins floridos da casa da vizinha; as múltiplas cores dos pássaros que voam, enquanto estou no caminho do trabalho.

E se a vida, então, fosse como uma caixinha de tinta guache nas mãos de uma criança a colorir? Começou ela a refletir... Pincel com tinta amarela prá cá, trazendo a leveza dos dias ensolarados e de sonhos vividos... Pinceladas de azul, cor de céu prá lá, trazendo esperança para os dias cor de chumbo...

Um derramar de vermelho por toda a tela da nossa vida, nos lembrando o quanto somos amados, misturado com preto, que remonta ao luto das perdas... E, assim vai. Chega uma hora em que o vermelho se mistura com o amarelo, formando o laranja, e a alegria é transbordante. Até que, aquele restinho de tinta na ponta do pincel mistura-se com tantas outras cores e significados que já nem sabemos que cor é. Tem dias que eu não sei que cor eu estou... Cor amarela, verde oliva, rosa? Ou quem sabe até uma nova cor para incrementar a grade de misturas atrás das embalagens da tinta guache. No fim das contas, somos uma grande tela em branco a ser pintada pelas cores da vida.

Após esse mergulho de pensamentos no oceano de si, os olhos de Lia voltaram-se a olhar novamente para fora, esperando o impacto daquele dia nublado e frio. Eis que, então, ela se deparou com gotas de chuva não mais transparentes como antes. As gotas, agora refletiam vermelho, amarelo, azul, lilás.

A janela de Lia já não era mais aquela pintada de branco, com uma rachadura na lateral e com a tinta desgastada. A janela de Lia era a janela da sua alma, que antes chuvosa, pela fé e pela contemplação da beleza de existir, vislumbra um novo horizonte: os raios solares refletindo nas gotas de chuva, e bem lá, no centro de tudo, a esperança trazendo cor através de um arco-íris.

E então, o olhar de Lia, que não mais se limitava a um céu nublado, enxergou aquilo que só se vê pelas janelas de dentro de nós mesmos. Muitas vezes, é invisível, mas essencial para enxergar além do que se vê. Sábio era o Pequeno Príncipe, não é mesmo?!

Ela terminou o seu café e respirou fundo! A vida já não era só cinza. A vida era cheia de cores. A vida era um apanhado de pinceladas de tinta guache no papel, na alma, no céu que imitava a tela de uma obra de arte, agora contemplada por ela. Então, Lia escreveu a última linha do seu poema no caderno com capa de abelhinhas: “A vida é um arco-íris pintado no céu, que eu observo enquanto me encontro debruçada na janela”.

O baio das noites de minha infância

Claudete Scaratti

A casa do sítio situava-se em meio a um campo que parecia não ter fim. Rodeada por colinas onduladas que se perdiam no horizonte, refletindo o céu na escuridão da noite, onde o vento era o único que sabia o caminho de volta para casa. Nas noites frias, ao cair do sereno, nos reuníamos na cozinha — eu, meus irmãos e a vovó, que tinha um jeito especial de contar histórias e fazia o coração bater devagarinho. Era o momento e o espaço preferido de todos. As sombras da lamparina tremiam nas paredes, e era ali, entre o cheiro da lenha ardendo em fogo e o vapor do mate, que eu ouvia a história do leão baio.

O meu mundo era feito de campo e coxilhas sem fim, do canto dos galos, do mugido do gado ao longe e do assovio dos ventos que nunca paravam quietos. Foi com vovó que ouvi falar, pela primeira vez, do leão baio. Dizia que a sua juba era cor de capim seco, os olhos amarelos como o lume intenso da lamparina. Com os olhos arregalados, eu escutava calada e imaginava o bicho. Um leão grande, forte, com a juba cor de palha seca e os olhos amarelos cor de fogo, do mesmo tom do lume do lampião.

Mas o que mais me assustava era o silêncio — porque o leão baio, segundo ela, não rugia à toa como os outros. O

vento é que falava por ele. Bastava mudar o rumo, um sopro de vento diferente e o gado parava, os cães se encolhiam e os homens se recolhiam fazendo o sinal da cruz.

— Ele não é bicho comum, minha filha — dizia vovó, bem baixinho num tom que misturava respeito e medo. É justiça que anda pelos campos.

Naquela época, eu acreditava em tudo. No anoitecer, ficava observando o escuro das colinas pela janela da cozinha, sem coragem de sair. Meu pensamento vagava por entre as sombras que a imaginação criava através da vidraça e jurava que via os olhos do baio brilhando entre as macegas. E que o simples ato de pronunciar o nome do animal podia acordá-lo do sono das serras. Às vezes pensava que era um homem transformado em fera sendo castigado por ter cometido algo ruim. Outras vezes, que era o próprio campo disfarçado de fera, cuidando da gente e punindo quem não obedecesse. Ao fechar os olhos tentava imaginá-lo: enorme, dourado, com o peito largo e o olhar triste, caminhando entre os cerros como um rei que perdeu o trono.

Diziam que o leão baio aparecia só quando a mentira crescia demais no coração dos homens. Vinha embalado pelo sopro do vento do sul. Que ele caçava os que tinham o coração sujo de engano, e que, quem mentia, ouvia seu bramido e sentia seu bafo quente antes dele sumir no mato

sem deixar rastros. Mas os justos, esses o viam de longe e nada sofriam. Alguns até juravam ter sido guiados por ele na escuridão, como se o baio conhecesse todos os atalhos entre o medo e a esperança.

— Ele existe, sim — dizia vovó, ajeitando o xale sobre os ombros. — Mora nas grotas fundas, lá onde o sol demora a chegar.

Os anos passaram, a casa envelheceu, o tempo levou vovó e o cheiro da lenha que queimava lenta nas noites de inverno. Mas quando o vento muda de repente de direção, soprando forte do sul, e a noite se encrespa lá fora, sinto o mesmo arrepio da minha infância. O mesmo silêncio que vem antes do barulho do mato. E lembro da vovó, dos meninos, do fogo miúdo crepitando no fogão à lenha, do cheiro e do gosto do mate doce.

Sempre que o vento muda de direção e as nuvens correm baixas sobre o campo, sinto o mesmo estremecimento — e penso que o leão baio talvez nunca tenha ido embora, que ele ainda anda por ali, sorrateiro, silencioso, vigiando os campos e as colinas na escuridão da noite.

Talvez ainda viva em cada lembrança, em cada palavra contada antes do adormecer, como o eco do galo na madrugada. Talvez o leão baio seja o guardião da infância, rugindo bem baixinho para que a gente não esqueça o poder das histórias. E quando o vento bate na janela e a claridade da lamparina vacila, juro que ouço — bem ao lon-

ge, lá para as bandas das macegas na colina — o mesmo som distante que ouvia na minha meninice: um bramido grave, vindo de longe, como se o campo inteiro respirasse de novo, num sopro comprido, que faz o coração bater mais forte. É o leão baio das noites da minha infância, que volta para lembrar que certas histórias nunca morrem, apenas se escondem, esperando o vento certo para nascer de novo.

limbo

João Vitor Somacal

nos conhecemos pelo acaso. ou pelos astros. o acaso que eu digo é o destino? nem eu sei mais. não acredito em destinos. não acredito em deus. não acredito no céu nem no inferno. eu acredito na potencialidade do ser Humano. ser Humano é ter humanidade. não sei mais. não sei o que a vida significa. ser humano é ter a noção do outro, da compaixão. to be human. humanos que largam bombas e mísseis: to be human? rosas, rezas e ruínas. (re)f-f-florescimento. o re existe porque a destruição é instantânea.

o ser humano fede a mofo. o ser humano também emana o odor de rosas. eu sou destruído cada vez que sinto seu toque. eu sou reflorescido cada vez que sinto seus beijos. acredito no que sinto e no que vejo. o ser humano é hipócrita nas menores nuances. peço cada vez que os seus lábios puros encostam nos meus. eu me peço com a sua pureza. eu sou o barro, o imundo, o grotesco, o lascivo. tu, luciola. eu, fausto. nós, o sagrado profano.

no ato mais puro de amor há a subversão da alma. no ato mais puro de amor tu revela-se Pio. no ato mais puro torno-me o mártir cristão que sempre neguei ser. purificado seja vosso filho.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P745

Coletânea de textos II e III Sarau Literários Poiesis [recurso eletrônico] / organização Carina Fior Postingher Balzan, Paulo Tonezer Júnior, Marina Bonatto Malka, Marina Rosa Cé Luft. 1.ed. - Bento Gonçalves, 2025.

1 arquivo em PDF (40 p.) (Poiesis: o despertar da escrita)

ISBN 978-65-5950-342-1

1. Poesia. 2. Contos. 3. Crônicas. I. Balzan, Carina Fior Postingher, *org.* II. Tonezer Júnior, Paulo, *org.* III. Malka, Marina Bonatto, *org.* IV. Luft, Marina Rosa Cé, *org.*

CDU: 821.134.3(816.5)-1/8

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933



póiesis



INSTITUTO FEDERAL

Rio Grande do Sul

Campus Bento Gonçalves